



**INDERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO:
desafios e perspectivas**

Jucimara ROJAS¹

Franchys Marizethe Nascimento Santana FERREIRA²

Care Cristiane HAMMES³

Kelly Cebelia das Chagas do AMARAL⁴

RESUMO

Neste estudo enfocamos um panorama de discussões sobre a prática interdisciplinar na área educacional. Para tanto, investigamos os estudos sobre o respectivo tema em autores renomados como Fazenda (1997, 1995, 1993); Japiassú (1976); Magalhães (2009); Ricouer (2006); Perrenoud (2008), dentre outros. O entendimento sobre interdisciplinaridade constatada nas leituras realizadas é de articulação dos saberes de diferentes disciplinas/áreas do conhecimento em favor de um ensino contextualizado. Alguns estudiosos associam a interdisciplinaridade à mudança de atitude, ação e competência. Percebe-se a necessidade de um olhar universal sobre o conhecimento, o que permite possuir habilidades para construir as respostas possíveis ou necessárias a cada contexto. Assim, é possível repensar nossa vida, nossa prática profissional, nossas relações, nossas circunstâncias, lidar com as questões cotidianas de outras maneiras, e principalmente, construir não apenas uma nova prática profissional, mas uma nova realidade, para todos os agentes do processo educacional.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação. Prática pedagógica.

ABSTRACT

In this study we focused on an overview of discussions on interdisciplinary practice in education. To this end, we investigated the studies on its theme in renowned authors such as Fazenda (1997, 1995, 1993); Japiassú (1976); Magalhães (2009); Ricouer (2006); Perrenoud (2008), among others. The

¹ Professora Pós-Doutora em Educação de Infância Formação e Ludicidade pela Universidade de Aveiro/Portugal. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: jjrojas@terra.com.br

² Professora Doutora, efetiva, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana/MS. Coordenadora do Laboratório de Artes e Culturas Lúdicas na Diversidade. E-mail: francys.santanana@hotmail.com

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestre em Educação pela UNISINOS/RS. Especialista em Educação pela PUC/RS. Formada em Geografia pelo UNILASALLE/RS. Graduada em Pedagogia na UNIP/SP. Tem experiência como professora da Educação Básica e Ensino Superior, especialmente nos cursos de Pedagogia, Geografia, Letras, Física, Turismo, Enfermagem da UEMS/MS e do Instituto Superior de Educação IVOTI/RS. Pesquisa na área de Formação de professores e Práticas pedagógicas. E-mail: carehammes@gmail.com

⁴ Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: kcebelia@bol.com.br



understanding of interdisciplinarity found in the readings is made of articulation of knowledge from different disciplines/fields of knowledge in favor of a contextualized education. Some scholars associate interdisciplinarity the change in attitude, action and racing. Realizes the need for a universal look on knowledge, allowing possess skills to build the necessary or possible answers to each context. Thus, it is possible to rethink our lives, our professional practice, our relationships, our circumstances, deal with everyday issues in other ways, and especially, not just build a new professional practice, but a new reality for all agents on the educational process.

Keywords: Interdisciplinarity. Education. Pedagogical practice.

1 INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade já vem sendo discutida desde os filósofos gregos com o objetivo de formar um homem integral. Na década de 1960 volta às discussões pelos estudos de Gusdorf, Piaget, Bastide, dentre outros, mas somente na década de 1970, recebe seu maior impulso na área educacional.

Na década de 1990, a interdisciplinaridade toma nova forma diante das informações e de crises em que vivemos, principalmente com os grandes problemas globais enfrentados e a dificuldade de entender como os fatores se relacionam para evidenciar os resultados apresentados.

A discussão sobre interdisciplinaridade tem tido um espaço importantíssimo na sociedade contemporânea, principalmente entre nas instituições educacionais, embora para muitos professores pareça algo novo. Isto porque com a fragmentação do conhecimento e a verificação da importância do diálogo entre as diferentes disciplinas para compreender o mundo e o ser humano da atualidade, está sendo efetivado um grande movimento de promoção da interdisciplinaridade.

Verificada a impossibilidade de ensinar tudo a todos, como propunha Comenius, considerando não ser possível a um mesmo profissional dominar saberes de todas as áreas, torna-se relevante uma ação que constitua relações entre as diferentes áreas do conhecimento.

Um dos primeiros trabalhos acerca do referido tema no Brasil é de autoria de Hilton Japiassú (1976), fruto de sua tese defendida na França, em que teve por objetivo discutir a interdisciplinaridade como parte da solução para a fragmentação do conhecimento, um mal instaurado pelo positivismo. Tal fato, explica o autor, se constata pelas inúmeras especializações que dividem cada vez mais as áreas do conhecimento,



produzindo conhecimentos que só têm sentido para os especialistas de cada área como se fossem independentes entre si, tendo como resultado o produto de uma inteligência esfacelada.

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. (JAPIASSÚ, 1976, p. 75).

O autor direcionou seus estudos no campo epistemológico, destacando a necessidade de mudança na concepção de conhecimento, partindo do pressuposto de uma nova organização curricular.

Os especialistas, como denominam os professores, precisam reciprocamente trocar os conhecimentos a fim de integrar as disciplinas, com objetivo de enriquecimento, colaboração e integração mútua. Existem resistências e dificuldades para um trabalho verdadeiramente interdisciplinar na escola, porque ele exige que cada docente considere o colega exterior a si mesmo; em que cada um analisa as questões que o outro enfoca e, por último, precisa haver uma tomada de consciência coletiva das questões levantadas pelo grupo. Observamos, por meio dos estágios e projetos realizados nas instituições de ensino que tal comportamento é comum no meio docente.

Destaca-se que na mesma linha teórica do autor, surge desde a década de 1970, Fazenda⁵, sendo referência para quem discute interdisciplinaridade, pois já publicou diversos livros e orientou inúmeras pesquisas. Sua dissertação de mestrado foi prefaciada por Hilton Japiassú, revelando que ambos tinham interesses em comum no campo da pesquisa. Um dos objetivos difundidos pela professora/pesquisadora está relacionado à aplicação pedagógica da interdisciplinaridade, centrada na atitude dos professores.

Na abordagem de Fazenda (1996), a interdisciplinaridade no campo pedagógico é articuladora do processo de ensino-aprendizagem à medida que se produzir como uma mudança de atitude perante o conhecimento, numa relação de reciprocidade e mutualidade que produz o diálogo entre os agentes envolvidos no processo, substituindo uma concepção cartesiana pela unitária do ser humano.

⁵ Professora da PUC-SP coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI), fundado em 1986. Estudiosa do tema há mais de 30 anos e autora de inúmeros livros.



Segundo Fazenda (1995) é na segunda metade do século XX que a interdisciplinaridade é apresentada como alternativa frente da fragmentação dos saberes. A autora afirma que existem três momentos distintos na trajetória da interdisciplinaridade: o primeiro na década de 1970, considerado o momento da definição; nos anos de 1980 ocorre a explicação do método e na década de 1990 a construção da teoria. Nos três momentos constatamos a preocupação com a fragmentação dos conhecimentos e um esforço em buscas de caminhos que possibilitem a integração dos mesmos.

Pesquisas apontam que não existe um único termo para definirmos interdisciplinaridade, pois alguns autores nos apresentam diferentes interpretações. O importante é entendermos como a nova postura diante do conhecimento pode contribuir para a unidade do pensamento. Para tanto se faz necessário entendermos algumas distinções terminológicas com cinco níveis de significado:

Disciplina - conjunto específico de conhecimentos com suas próprias características sobre o plano do ensino, da formação dos mecanismos, dos métodos, das matérias.

Multidisciplina - justaposição de disciplinas diversas, desprovidas de relação aparente entre elas. Ex.: Música + Matemática + História

Pluridisciplina - justaposição de disciplinas mais ou menos vizinhas nos domínios do conhecimento. Ex.: domínio científico: Matemática + Física.

Interdisciplina - interação existente entre duas ou mais disciplinas. Essa interação pode ir da simples comunicação de ideias à integração mútua dos conceitos diretores da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização referentes aos ensino e à pesquisa. Um grupo interdisciplinar compõe-se de pessoas que receberam sua formação em diferentes domínios do conhecimento (disciplinas) com seus métodos, conceitos, dados e termos próprios.

Transdisciplina - resultado de uma premissa comum a um conjunto de disciplinas (Ex.: Antropologia considerada como a ciência do homem e de suas obras.) (POLONI, 2007, p. 1).

Na disciplinaridade o modelo de aquisição de conhecimento sugere conhecer e aprender algo que está fora, e quando indagados oferecer a resposta que foi aprendida por meio da avaliação de conteúdos. Essa forma de aprendizagem é a mais utilizada em todos os níveis de ensino, o educando só precisa reproduzir de forma sistemática e mecânica seus conhecimentos. É uma estratégia pedagógica confundida por muitos com a interdisciplinaridade. Sua metodologia é constituída pelo trabalho em conjunto de duas ou mais disciplinas. Trabalha-se com um tema em comum, onde cada professor contribui com o conhecimento específico de sua área.

Fazenda (1993) afirma que existem equívocos de alguns profissionais que



afirmam realizar projetos interdisciplinares, mas não o fazem de maneira correta e consciente, pois todo trabalho do gênero deve ser muito mais do que simplesmente misturar intuitivamente disciplinas. Ela deve propiciar visibilidade e movimento ao talento escondido em cada um de nós. Afirma que não pode existir interdisciplinaridade sem disciplinas, o que não concorda são com os recortes nos conteúdos que não permitem ao aluno e ao professor compreenderem sua essencialidade.

Para a autora o início e a chegada de uma prática interdisciplinar estão basicamente na ação, de acordo com a interação e integração das disciplinas e também entre os sujeitos das ações educativas. Isso não significa o fim das disciplinas, mas uma relação harmônica entre as mesmas. Tendo como objetivo desenvolver ações cooperativas e reflexivas. Com isso alunos e professores tornam-se sujeitos de suas ações e comprometem-se num processo de investigação, redescoberta e construção coletiva de conhecimentos. Pois ao dividir ideias, ação, reflexões, cada integrante do grupo torna-se ativo no processo.

A partir dessas colocações é essencial que os conteúdos ministrados em cada disciplina sejam considerados como instrumentos culturais, necessários para a formação global. Fazenda (1997) afirma que é necessário conhecermos como os conteúdos nasceram, se desenvolveram e são estudados. Assim, a interdisciplinaridade beneficiará as ações educativas que ampliam as capacidades dos educandos em expressar-se por meio das múltiplas linguagens, posicionar-se diante das informações e interagir ativamente com o meio físico e social.

Para Japiassú (1976) a interdisciplinaridade surgiu pela necessidade imposta pelo surgimento de várias disciplinas. Portanto é necessário um elo entre as mesmas, considerando que algumas se mostram dependentes umas das outras. Isso ocorre com mais frequência nas ciências humanas, pois nas naturais não existe uma hierarquia entre elas.

Nas ciências naturais, podemos descobrir um tronco comum, de tal forma que temos condições de passar da matemática à mecânica, depois à física e à química, à biologia e à psicologia fisiológica, segundo uma série de generalidade crescente (esquema comtiano). Não se verifica semelhante ordem nas ciências humanas. A questão da hierarquia entre elas fica aberta [...] (JAPIASSÚ, 1976, p. 84).

O autor afirma que tal fato se deve as exigências dos próprios educandos, devido ao universo global e multidimensional. Existe um conflito para o fim de uma formação



baseada em especialidades. Deve-se tal fato as exigências que o próprio mercado de trabalho faz aos graduados: que sejam profissionais polivalentes. Assim, torna-se essencial a elaboração de meios que atue contra o saber fragmentado.

Para ele existe a questão da pesquisa interdisciplinar que propões a mudança de metodologia para que o saber se torne real para o educando. Isso será possível quando as disciplinas se tornarem um meio para a produção e debate do conhecimento, deixando de assumir um caráter dogmático, que contribui para diminuir os alunos frente a conhecimentos que para eles parece imutável.

2 OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UMA ATITUDE INTERDISCIPLINAR

O conhecimento está sendo construído de forma fragmentada, cada vez mergulhamos em uma maior especialização, a matemática já vem há muito tempo sendo ensinada dividida em geometria, trigonometria, aritmética entre outras áreas; já a língua portuguesa se reparte em gramática, ortografia, e literaturas. As outras matérias dos ensinos médio e fundamental também se repartem, como se a simples existência destas disciplinas já não significasse um conhecimento partido, e cada vez mais longe da realidade do aluno. (MAGALHÃES, 2000, p. 1).

O autor nos aponta a preocupação com a especialização considerada cada vez mais relevante na formação do profissional, que considera o conhecimento produzido somente importante e com sentido para os especialistas de cada área.

Proust (1993) afirma a partir de suas pesquisas que existem algumas dificuldades a serem sanadas à prática de interdisciplinaridade. A primeira é o que ele chama de “espírito de paróquia”, ou seja, quando o professor valoriza sua disciplina mais do que outras, o que exemplifica o conceito fragmentado do saber. A segunda é conhecida como “perda informal”, seria o receio de descaracterizar e banalizar sua disciplina. Como terceira colocação apresenta o “conservadorismo institucional”, quando a própria escola teme transpor fronteiras ocasionando descrédito da instituição, por não acompanhar um sistema que já está posto há muito tempo. E por último nos apresenta o “conservadorismo individual”, que representa a insegurança e o desconforto quando o educador considera seu território invadido, ou mesmo adentramos em outros desconhecidos, pois relacionar-se com outras disciplinas significa estar aberto e reconhecer que não sabe tudo.

Outra dificuldade apontada é a forma, sempre, fragmentada de como encontramos nos acervos bibliográficos lançados pelas editoras, nas grades curriculares



das instituições de ensino e nos cadernos dos alunos tudo dividido por matéria, ou seja, encontramos as diferentes disciplinas separadas, isoladas em compartimentos e ministradas por diferentes professores que desconhecem a relevância de ministrar os conhecimentos de forma universal.

Consequentemente a falta de interação entre as áreas do conhecimento, reflexo de fatores sociais e históricos desencadeado pela revolução industrial, que exigia mão-de-obra especializada, têm marcado e prejudicado nossa maneira de pesquisar, ensinar e, principalmente, de ver e pensar nossa realidade. Isto porque se nossos educandos só tiverem a oportunidade de ter contato com essa forma fragmentada de conceber o mundo, acabarão moldando uma maneira de pensar que dificilmente incluirá a visão do todo, uma vez que essa habilidade só é possível de ser adquirida quando se é estimulado a buscar os conhecimentos globais dos fatos.

Portanto, é necessário praticarmos um ensino que concilie diferentes conceitos, de diferentes áreas, substituindo o modelo imposto historicamente e dando oportunidade ao sujeito de aprender a relacionar conceitos e, conseqüentemente, de reformular e construir novos conceitos com autonomia e criatividade. Neste sentido, a convivência das disciplinas pode ser uma estratégia para desenvolver uma visão mais aberta dos acontecimentos.

Ricoeur (2006) ressalta que os elementos são importantes para o que acreditamos, além de acrescentar o valor à questão do vivido pelo sujeito,

[...] constitui um legítimo enriquecimento da noção de reconhecimento de si quando encontramos sua justificação no parentesco semântico entre o modo epistêmico próprio à espécie da certeza e de confiança que está vinculada à asserção própria do verbo modal 'eu posso' (RICOEUR, 2006, p. 107).

Fazer um percurso em que o Ser vai ter um valor de integralidade pela ontologia significa que tem experiências de vida que são obtidas em um mundo vida, significa afirmar que um individual está dentro do contexto do outro e necessita-se respeitar o fenômeno que se mostrará e será desvelado.

Outro desafio, além de reconhecer essas diferenças, é saber identificar onde é possível que as áreas do conhecimento se complementem. Entretanto, é necessário que o professor transcenda seu campo de estudo, dialogando e identificando os pontos onde são possíveis de incorporar as contribuições das outras disciplinas. Essa ação proporcionará, além de integrar novo saberes, aprofundar o contato com que sua



disciplina tem de mais específico e fundamental.

A interdisciplinaridade está em busca do conhecimento holístico, que significa que tenha origem em várias áreas, ou seja, vai em sentido contrário do que atualmente está exposto nas escolas: um conhecimento centrado somente em uma área.

Ela tem por objetivo garantir um novo posicionamento diante do conhecimento, em busca do ser como pessoa integral, ou seja, ela garante a elaboração do conhecimento global rompendo com os limites das disciplinas. Mas para isso segundo Fazenda (1997) será necessário que o educador assuma uma postura interdisciplinar com atitudes de inclusão.

Para Perrenoud (1977) tal atitude exigirá a modificação dos hábitos dos educandos, pois haverá a necessidade de se envolverem mais nas atividades escolares, assim como também apresentarem maior transparência na elaboração de seus trabalhos, estudos e pesquisas.

Fazenda (1995) acrescenta que haverá favorecimento na oportunidade de trabalharem mais em grupos. O mesmo diz respeito aos profissionais. Para que seja possível estabelecer um trabalho interdisciplinar, é preciso que as ações de cada profissional sejam transparentes, que se saiba o que se faz e que se disponibilize a pensar junto com os demais profissionais envolvidos no projeto, considerando as necessidades que a questão impõe. Todas essas modificações exigem alterações nos hábitos, pois o saber não é apenas uma disciplina, ele incorpora-se às relações interpessoais e à própria corporeidade do sujeito. No modelo disciplinar, a produção do conhecimento é individual. No modelo interdisciplinar faz-se necessária a inter-relação pessoal. Acrescenta ainda que a iniciativa de professores e alunos, assim como a autonomia do grupo é fomentada de forma positiva.

Existem grandes avanços também para a escola que possui a interdisciplinaridade como eixo de trabalho, ela torna sua proposta pedagógica mais ágil e eficiente, seus alunos assumem uma postura com mais responsabilidade, o que diminui a indisciplina e toda a comunidade escolar trabalha em colaboração.

Outro desafio é a metodologia de trabalho, Fazenda (1997) acredita que para isso é necessário atitude e método envolvendo integração de conteúdos, deixando de ser ministrado de forma fragmentada para uma concepção unitária do conhecimento, principalmente porque o processo ensino-aprendizagem é centrado na concepção de que aprendemos durante toda nossa vida, logo significa articularmos o saber, a informação, a experiência, meio ambiente, escola, comunidade, dentre outros aspectos que envolvem



o processo educacional.

Isto significa que o professor tem papel relevante porque precisa ser o alicerce do aluno ajudando-o a descobrir, a reconstruir e atuar frente ao conhecimento adquirido. A práxis pedagógica deve ir além de uma visão fragmentada e descontextualizada do ensino, tornando a aprendizagem significativa por meio da interação professor/aluno, aluno/professor.

uma atitude especial ante o conhecimento, que se evidencia no reconhecimento das competências, incompetências, possibilidades e limites da própria disciplina e de seus agentes, no conhecimento e na valorização suficientes das demais disciplinas e dos que a sustentam. Nesse sentido, torna-se fundamental haver indivíduos capacitados para a escolha da melhor forma e sentido da participação e, sobretudo no reconhecimento da provisoriedade das posições assumidas, no procedimento de questionar. Tal atitude conduzirá, evidentemente, a criação das expectativas de prosseguimento e abertura a novos enfoques ou aportes. E, para finalizar, a metodologia interdisciplinar parte de uma liberdade científica, alicerça-se no diálogo e na colaboração, funda-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e suscita-se na arte de pesquisar, não objetivando apenas a valorização técnico-produtiva ou material, mas, sobretudo, possibilitando um acesso humano, no qual desenvolve a capacidade criativa de transformar a concreta realidade mundana e histórica numa aquisição maior de educação em seu sentido lato, humanizante e libertador do próprio sentido de ser no mundo (FAZENDA, 1994, p. 69-70).

A prática pedagógica por meio da interdisciplinaridade vislumbra a construção de uma escola mais participativa e decisiva na formação do sujeito social. O seu objetivo atual é favorecer a vivência de uma realidade global que interage com as experiências do cotidiano do educando, favorecendo sua autonomia intelectual e moral. Mais do que interagir, interdisciplinaridade é a ação de partilhar as experiências e conhecimentos entre os seres humanos, se houver troca de vivências e conhecimentos das diferentes áreas do saber, o que possibilita a mudança tanto do indivíduo como da coletividade. Esta relação entre a autonomia intelectual e interdisciplinaridade é imediata. Segundo Piaget (1996) o sujeito não espera que o conhecimento seja transmitido a si por um ato de caridade, mas sim aprende por meio de suas próprias experiências sobre os objetos do mundo, organizando seu pensamento e construindo suas categorias.

Fazenda (1993) aponta que outro desafio é a formação de professores, a autora destaca que são ministrados de maneira errônea porque simplesmente trabalham perguntas “intelectuais” que já sabem como serão respondidas, mas sugere que o professor faça perguntas “existenciais” a seus alunos para despertar respostas



inesperadas e aflorar seus talentos. Isso significa explicar questões importantes de forma simples para que o educando tenha a oportunidade de construir sua argumentação. Afirma ainda que os currículos organizados por disciplinas levem o aluno adquirir acúmulo de informações e não o pensar interdisciplinar que aborda uma dimensão libertadora possibilitando o enriquecimento da nossa relação com o outro e também com o mundo.

Existe o desafio de assegurar a abordagem geral, por meio de uma visão holística, valorizando o que cada um constrói no processo de aprender a aprender. Esta postura instiga o pensamento em direção ao enfrentamento de tensões que surgem no desenvolvimento de seu processo de esclarecimento, o que torna possível a superação de dicotomias tradicionais da visão de mundo mecanicista. Para termos um grupo interdisciplinar, ou seja, professores que aceitam o desafio de articular-se com outras áreas do conhecimento, com outros métodos e conceitos é relevante uma cultura prévia de integração que fomente a iniciativa e subsidiem a elaboração e efetivação de tal práxis. Mas para a consumação de tal ato, a interdisciplinaridade exige que o espaço de cada área do conhecimento, em suas particularidades e especialidades, sejam compreendidas e respeitadas. Pois o objetivo segundo Fazenda (1994) não é homogeneizar ou restringir as disciplinas somente a um enfoque, mas que seja possível a integração respeitando e reconhecendo a objetividade de cada uma.

Um grande desafio além de reconhecer essas diferenças, é saber identificar onde estão localizadas as zonas de intersecção entre as áreas, que significa identificar os pontos que elas apresentam em comum. Para que isso ocorra de forma correta é necessário que o professor transcenda seu campo de estudo, dialogando e identificando os pontos onde são possíveis de incorporar as contribuições das outras disciplinas. Esta ação proporcionará além de integrar novos conhecimentos, aprofundar o contato com que sua disciplina tem de mais específico e fundamental. Por isso, é normal neste momento ocorrer dúvidas e incertezas, pois o caminho é novo, mas em contrapartida confere a prática do professor mais liberdade de autonomia, de autoria criativa, de apropriação de novos conhecimentos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a abordagem interdisciplinar está sendo pensada a aplicada na organização do trabalho pedagógico, somente recentemente, embora suas ideias já esteja



há muitas décadas em estudos e discussões. Ela torna-se fundamental na medida em que busca a interação de conceitos e métodos, o que conduz o educando a uma visão mais próxima do movimento, da totalidade e das contribuições da realidade, ou seja, é uma ação pedagógica interativa e integrativa entre professor, aluno e os conhecimentos, dentre eles os do senso comum e os científicos.

Devido às inúmeras mudanças que diversos setores da sociedade vêm passando é necessário que o professor também esteja capacitado para assumir uma nova concepção de educação. Para isso necessita estar preparado para aplicar diferentes metodologias, tecnologias e conhecimentos.

É fundamental que o processo ensino-aprendizagem seja utilizado pelo professor como uma ferramenta para a construção e elaboração de novos conhecimentos. Neste sentido, a interdisciplinaridade torna-se uma das propostas possíveis para realizar esta premissa, recuperando assim, a totalidade do ser humano em relação ao processo educativo.

Podemos afirmar que se a compartimentalização dos conhecimentos, que impera atualmente em nosso sistema de ensino, for substituída pela interdisciplinaridade será uma nova forma mais criativa de institucionalizar e elaboração de novos conhecimentos nas escolas, nos currículos e campos de pesquisas.

O trabalho interdisciplinar permite um olhar universal sobre o conhecimento, o que permite possuir habilidades para construir as respostas possíveis ou necessárias a cada contexto. Sendo assim, é possível repensar nossa vida, nossa prática profissional, nossas relações, nossas circunstâncias, lidar com as questões cotidianas de outras maneiras, criar outro cotidiano, e principalmente, construir não apenas uma nova prática profissional, mas uma nova realidade, para todos os agentes do processo educacional.

Precisamos de um educador que frente às dificuldades, amplie seus estudos, pesquise, adquira novos conhecimentos significativos a sua prática pedagógica, pois acreditamos que a interdisciplinaridade é o ponto de encontro entre o antigo e a renovação de atitudes frente às dificuldades de ensino e pesquisa. Concordamos com Fazenda (1993) quando afirma que o importante é ter em mente que um projeto interdisciplinar não é ensinado, mas sim vivenciado.

Enfim, parece certo concluirmos que existem inúmeros benefícios com a comunhão de áreas de conhecimento. Considerando que temos grandes problemas econômicos e ambientais, é essencial almejarmos um ensino, mais humano, que parta da integração e oriente melhor os educandos a usufruírem com competência os



conhecimentos mediados pela escola, tornando-se um bom profissional e, principalmente um bom cidadão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

FAZENDA, Ivani (Org). **Didática e Interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 1997.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 2. ed. São Paulo : Papirus, 1995.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1993.

FAZENDA, Ivani (Org). **Práticas Interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1993.

JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MAGALHÃES, Everton Moreira. **Interdisciplinaridade: por uma pedagogia não fragmentada**. 2000. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/memorial>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. E.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

POLONI, Delacir A. Ramos. **Integração e Interdisciplinaridade**. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/delacirinter.html>>. Acesso em: 21 dez. 2009.

PROUST, J. A interdisciplinaridade nas ciências cognitivas. **Revista Tempo Brasileiro**, n. 113, p. 97-118, abr./jun. 1993.

ROJAS, Jucimara et al. Interdisciplinaridade na educação: desafios e perspectivas. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP**, Aquidauana, v. 1, n. 1, p. 170-181, out. 2014.